

SOCIOLOGIA DAS RELIGIÕES: UM CAMPO DE ESTUDOS, UMA PLURALIDADE DE OLHARES¹

*Claudete Camargo Pereira BASAGLIA**

É oportuna a publicação em português do livro *Sociologia das religiões* do sociólogo francês Jean-Paul Willaime, sobretudo, considerando-se o momento em que no Brasil os estudos sobre religião, bem como suas práticas, viram-se diante das constatações apontadas pelos Censos de 2000 e de 2010 (BRASIL, 2012) segundo as quais a mudança mais significativa referia-se à filiação religiosa dos brasileiros.

O Censo 2000, por exemplo, indicou que três das principais religiões classificadas pela sociologia como tradicionais, o catolicismo, o luteranismo e a umbanda, mesmo considerando-se que cada qual se mostre tradicional de um ponto de vista diverso, deram sinais evidentes de falta de fôlego em sua capacidade de ampliação, constata Pierucci (2004). O que indica um fenômeno progressivo da passagem da situação de monopólio do catolicismo para uma abertura gradual de espaço para outras religiões, além da ampliação do número de pessoas que se declaram sem religião, dados que estão inseridos no que o próprio Willaime (2012, p.160) trata como “a modernidade e seus efeitos dissolventes”.

Diante dessas questões prementes para os estudos e as pesquisas sobre religiões tem lugar este livro com a proposta de apresentar o modo como se constitui, progressivamente, através de uma pluralidade de olhares um campo científico: a sociologia das religiões. Sua estrutura oferece duas opções de leitura: uma fundamentada na sequência de capítulos do primeiro ao quinto; outra considerando a alternância de temas conforme a necessidade ou o interesse do/a leitor/a. As ideias que o compõem distribuem-se pelos cinco capítulos nos quais o autor discorre sobre

* Doutoranda em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – claudete.sociologia@gmail.com

¹ Resenha da obra: WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2012.

a maneira como se constituiu o campo de estudo da sociologia das religiões e de como, na contemporaneidade, a sociologia analisa a questão religiosa.

Seu argumento central para as análises em torno da sociologia das religiões está em que:

A sociologia, com sua proposta de análise da sociedade e de sua evolução do modo mais sistemático e objetivo possível, nasceu da mudança social que conduziu ao advento da sociedade moderna. Podemos afirmar que o desenvolvimento da sociologia é um elemento integrante da própria modernidade e que seu indissociável questionamento quanto ao futuro do religioso nas sociedades industriais também se impõe como elemento constitutivo. (WILLAIME, 2012, p.143).

Sendo assim, é compreensível que os clássicos, embora cada um ao seu modo, tenham se interessado pelo fenômeno religioso e se proposto a responder uma mesma problemática: o que fazer quando a religião é colocada em questão? Problemática do pensamento sociológico desde os autores clássicos até os mais recentes que estabelecem um vínculo entre o religioso e a modernidade.

No capítulo inicial “As tradições sociológicas e o fenômeno religioso” o autor retoma, de modo breve, questões que desenvolveu juntamente com Danièle Hervieu-Léger em 2001 na obra *Sociologies et religion: approches classiques*. Começa sua explanação com Marx, reiterando que há no marxismo uma sociologia e que embora nos seus escritos prevaleçam as críticas política e filosófica em detrimento da análise da religião como um fato social, os elementos que constam dessa análise originaram vários estudos sociológicos do fenômeno religioso.

Com referência a Marx e a Durkheim, o livro aponta as contribuições de suas teorias na questão em pauta. Em relação a Marx, por exemplo, ressaltam-se as importantes contribuições à sociologia das religiões, pois introduziu três problemáticas de interesse para a pesquisa: a do desconhecimento que oferece a possibilidade de “[...] um questionamento sobre os efeitos do conhecimento e do desconhecimento das visões religiosas do homem.”; a da instrumentalização política do religioso que tem como centralidade a “[...] utilização dos sistemas simbólicos nas relações sociais de dominação e de legitimação do poder.” e a problemática das classes sociais que “[...] convida ao exame das diferenciações das práticas e mensagens religiosas em função do meio social.” No entanto, foi a pluralidade do marxismo que permitiu que a posteridade de Karl Marx e Friedrich Engels tivesse “múltiplas faces”, uma delas apresentada por Antonio Gramsci que mesmo “fiel” ao pensamento marxista avança para além de Marx e Engels com sua

análise do fenômeno religioso, em especial do catolicismo na Itália (WILLAIME, 2012, p.22-24).

Quanto a Durkheim ressalta-se que ele enfatizou o poder de expressão e de fortalecimento dos laços sociais do religioso e chamou a atenção para uma importante função do religioso: a de integração social, de pacificação da ordem social. No entanto, os limites de sua abordagem impõem-se pelo fato de Durkheim não considerar o aspecto antagônico da religião, isto é, não a considera como meio de desintegração social, como meio de protesto, como contestadora do mundo real, como possibilidade de luta ativa contra o estado atual das coisas, como propõe Weber ao situar seu interesse na religião como uma fonte de dinâmica da mudança social.

Em relação à teoria de Max Weber não se apresentam restrições, mesmo porque o autor organiza e fundamenta o livro e seu conceito de religião nos princípios weberianos. O destaque fica para as duas rupturas que as abordagens weberianas da sociologia das religiões efetuaram. A primeira é que, para Weber, as formas de comportamento motivadas por fatores religiosos dizem respeito à vida na terra. A segunda ruptura diz respeito ao fato de ter se recusado em associar o religioso ao irracional uma vez que para ele a racionalização da própria religião exerceu um papel essencial no surgimento da modernidade, o que é referenciado na obra *Economia e Sociedade* onde se pode ler que “[...] atos motivados pela religião ou pela magia são atos, ao menos relativamente, racionais.” (WILLAIME, 2012, p.50).

Outro aspecto considerado relevante nos estudos de Weber trata dos conceitos de “agrupamento hierocrático” e “bens de redenção” que inscrevem sua sociologia das religiões em uma “sociologia da dominação” na qual procura definir os tipos ideais de “comunalização religiosa”: Igreja e seita e autoridade religiosa. Tipos de autoridade religiosa que foram elaborados a partir da forma racional-legal, da forma tradicional e da forma carismática (WILLAIME, 2012, p.51).

Nessa tipologia de Weber lê-se que embora ela exija uma utilização cuidadosa de seus termos, tem um forte poder heurístico, uma vez que muitas pessoas estudiosas da sociologia das religiões a ela referem-se. Além disso, considera que sua contribuição à sociologia das religiões não se reduz ao seu conhecido estudo *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, pois, esse estudo encontra-se inserido no conjunto de análises sobre as relações entre economia e religiões, por meio das quais, Weber apresenta o peso dos fatores religiosos no surgimento de um determinado tipo de comportamento econômico.

O capítulo “Da sociologia religiosa à sociologia das religiões” comporta uma explanação sobre a composição do campo da sociologia das religiões desde

uma “sociologia marcada” por certos meios cristãos que contribuíram com seus olhares sociológicos para as realidades religiosas. Nesse contexto, os próprios meios religiosos são os terrenos que favorecem a sociologia das religiões a começar pelas motivações militantes que atraíram pesquisadores. Para se ter uma ideia, dentre os doze primeiros pesquisadores no Centro de Estudos Sociológicos criado em Paris em 1946: “[...] cinco pertenciam ao Partido Comunista, alguns eram ligados aos grupos de extrema esquerda e outros aos agrupamentos católicos de esquerda.” ressalta Johan Heilbron (apud WILLAIME, 2012, p.68). Nessa linha de reflexão encontra-se uma instigante rede de referências com os respectivos procedimentos de pesquisa, de estudos e organizações nacionais e internacionais dos Estados Unidos, da França com maior ênfase em Gabriel Les Bras e a sociologia do catolicismo na Suíça e Alemanha. Uma contribuição significativa para o campo científico da sociologia das religiões.

As questões que giram em torno do religioso contemporâneo são tratadas mediante conceitos como: novos movimentos religiosos, integralismo católico, fundamentalismo protestante, judaísmo integral, movimento islamita. Apresentadas como formas de radicalismos religiosos são colocadas diante do **espelho da sociologia** juntamente com **religião e política** ligadas por laços tão fortes de modo que unidade política e unidade religiosa foram e continuam sendo confundidas, o que demanda estudos sobre o Paquistão muçulmano, a Europa soviética, a China no crepúsculo comunista, as Teologias da Libertação na América Latina, a importância da variável confessional no comportamento eleitoral. Sincretismos e ecumenismos, lembrando que neste caso o panorama religioso tomado como exemplo é o Brasil, como garantias do pluralismo religioso, assim como as mutações contemporâneas do crer nas sociedades ocidentais.

Mediante as análises dessas questões o autor alcança o que considerou a principal característica das religiosidades contemporâneas ocidentais: as relações entre modernidade e religião e o debate sobre secularização, assunto presente em *Religião e modernidade: a secularização em debate*.

A abordagem dessa característica tem o ponto de partida na afirmação de que a antinomia entre religião e modernidade esteve presente desde o início da sociologia e foi reforçada pela atitude de sociólogos, sobretudo, os franceses Henri Saint-Simon, Auguste Comte e Émile Durkheim que, nas palavras de Willame (2012, p.145), conceberam em diferentes proporções uma religião laica destinada a substituir as religiões tradicionais. Reforçada também pelo marxismo que apresentou a religião como um “fenômeno social obsoleto” incompatível com o progresso econômico e social e pela Igreja Católica que no século XIX e início do século XX manifestou “uma oposição radical ao mundo moderno”. Foram essas concepções que contribuíram para que na sociologia das religiões se constituísse a “lógica”:

mais a modernidade avança, mais o religioso recua. Uma lógica que transformou a secularização em um paradigma questionado e até mesmo difícil de ser aplicado em determinadas culturas religiosas.

Daí a importância da nomeação do tema Religião e modernidade: a secularização em debate. Aqui, trata-se da necessidade de aperfeiçoar conceitos, neste caso, de secularização e de modernidade e ficar atento aos dados empíricos, daí a argumentação de que secularização é um conceito a definir e para isso o autor considera várias referências como Peter Berger, Bryan Wilson, K. Dobbelaere, O. Roy. Chega ao entendimento de que secularização é uma “mutação sociocultural global que se traduz por uma redução do papel institucional e cultural da religião” e de que, atualmente, a religião ou se tornou um segmento da vida social, dentre outros, ou, compõe um universo cada vez mais estranho a um grande número de pessoas, o que de modo algum significa um declínio da religião ou o desaparecimento dos fenômenos da crença, mas, que remete a dois processos característicos da modernidade: diferenciação funcional das instituições e individualização crescente dos atores sociais.

É nesse ponto da obra que estão as questões nomeadas como cruciais para a sociologia das religiões e que são características da modernidade, difíceis de contestar: a reflexividade sistemática, a diferenciação funcional, a globalização, a individualização, a racionalização e o pluralismo que nas sociedades ocidentais diminuíram o “poder social” da religião. Mas, considerando-se que a modernidade evolui, tem-se uma outra fase da modernidade que acompanhando Anthony Giddens e Marc Augé pode classificar-se como ultramoderna. Fase essa marcada pelas recomposições religiosas cuja análise constitui a tarefa prioritária da sociologia contemporânea da religião, aponta o autor, antes de passar para a última questão de seu livro: Para uma definição sociológica da religião.

A busca de uma definição sociológica da religião leva em conta que não existe definição de religião que seja consenso entre os pesquisadores. Sendo assim, o autor aproxima-se das definições funcionais começando por Clifford Geertz, vai para as definições substantivas das religiões e distancia-se delas por constituírem critérios difíceis para definir sociologicamente a religião.

Essas definições dão lugar à concepção da religião como ação social e como poder carismático apoiada nas referências de Weber. A ação social então caracterizada como “[...] uma comunicação simbólica regular por meio de ritos e crenças que se encontra no centro de todo sistema religioso.”, que emprega um carisma fundador e engendra um “laço social”. Nessa instância final de sua exposição, Willaime (2012, p.198), ao avaliar a “irreducibilidade específica do laço social criado pela religião”, recorre ao paradigma do dom e propõe que a religião

seja considerada sociologicamente como “um vínculo social articulado ao dom”, discussão que tem continuidade em outras obras suas.

Considerando o que foi exposto chama-se a atenção para um ponto relativo ao desafio intelectual do livro: não deve enganar o fato de se ter em mãos “apenas” uma introdução à sociologia das religiões como sugere Jean-Paul Willaime, pois, ali se encontra uma caixa de ferramentas teóricas para a análise sociológica das religiões com referências a teorias, não só francesas, conforme o lugar de onde se coloca o autor, mas, alemãs com o importante legado de Georg Simmel e a “sociologia da devoção”, inglesas, estadunidenses, suíças, fundamentais, para pesquisadores desse campo de estudo.

Referências

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** [IBGE]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2 nov. 2012

PIERUCCI, F. *Bye, bye*, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, p.17-28, set.-dez. 2004.

WILLAIME, J.-P. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2012.

Recebido em 03/12/2012

Aprovado em